"O GATO QUE GOSTAVA DE CENOURAS" E O DISCURSO PARADOXAL SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE[1]

"THE CAT THAT LIKED CARROTS" AND THE PARADOXICAL SPEECH ABOUT THE HOMOSEXUALITY

Terezinha Richartz[2]

RESUMO: A literatura infanto-juvenil é considerada por muitos como simples passatempo, assim, o importante é disponibilizar o maior número de livros para estimular o hábito da leitura em crianças e adolescentes. Todavia, muito além dos enredos inocentes e despretensiosos, o discurso presente nas entrelinhas, na maioria dos casos, tem a pretensão de legitimar os valores sociais defendidos em dado contexto histórico. Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é analisar o livro "O gato que gostava de cenouras", do autor mineiro Rubem Alves, destacando seu discurso acerca da orientação sexual, em especial, da homossexualidade. As obras literárias, portanto, são uma ferramenta importante para a manutenção da ideologia opressiva de gênero – que enfatiza a heterossexualidade como normal e a homossexualidade como desvio de comportamento – e, igualmente, para a desconstrução do discurso dominante e para a construção de um novo discurso que estimule o respeito à diversidade sexual e de gênero.

Palavras-chave: Relações de gênero. Homossexualidade. Discurso. Rubem Alves.

Introdução

As identidades sexuais são construções biológicas, sociais, culturais, históricas, políticas e discursivas. Através da orientação sexual, os indivíduos podem "escolher" ser heterossexual, homossexual ou bissexual. No entanto, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros– o chamado grupo LGBTT –, são discriminados em uma sociedade, que para além do discurso da liberdade de opção, impõe a heteronormatividade.

Como componente educativo, a literatura expressa valores de uma época e serve para legitimar estereótipos e preconceitos. Os valores defendidos em cada contexto histórico estão integrados aos enredos e na linguagem cotidiana.

Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é analisar o discurso sobre as relações de gênero, em especial, da homossexualidade, no livro "O gato que gostava de cenouras.

[1]Versão preliminar apresentado em Comunicação oral no V Encontro Tricordiano realizado na Universidade Vale do Rio Verde em Três Corações, de 21 a 23 de outubro de 2015.

[2]Graduada em Sociologia e Política e Pedagogia. Mestrado e Doutora em Ciências Sociais (PUC/SP); Professora do Programa de Mestrado em Letras – Linguagem, Cultura e Discurso da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR).

Revista Literatura em Debate, v. 10, n. 18, p. 106-116, ago. 2016. Recebido em: 20 maio 2016. Aceito em: 18 jul. 2016.

2 O discurso das instituições sociais e a homossexualidade

De acordo com Foucault (1986), as palavras apresentam elementos fundamentais para a reflexão. O discurso não pode ser tratado apenas como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas deve ser compreendido como práticas que constituem sistematicamente os objetos de que falam. Os discursos são compostos de signos e o que fazem é mais do que utilizar esses signos para designar coisas. Portanto, é esse "mais" que precisa ser desvendado, que precisa ser descrito.

O discurso escrito e falado ocupa lugar preponderante, uma vez que permeia todas as formas de comunicação. Foucault (1996) afirma que determinada formação discursiva constitui um conjunto de forças que colocam em circulação determinada prática discursiva que é valorizada como verdade. Assim, o discurso acaba norteando formas de sociabilidade.

Na análise do discurso, deve-se levar em consideração o dito e o não dito. Desse ponto de vista, é necessário compreender o contexto histórico e social. Para Foucault, discurso e poder estão entrelaçados e as formas não discursivas que aparecem numa obra – como as instituições sociais e os processos sociais – devem ser contempladas, pois apresentam valores da sociedade que devem ser conservados.

Foucault (1982) defende que o biopoder é uma rede difusa de micropoderes, que não estão num lugar definido, mas em toda a estrutura social, perpassando todos os meandros e controlando a vida. No enredo da obra "O gato que gostava de cenouras", percebe-se o poder que as instituições têm. A opção sexual é questionada por todos na tentativa de enquadrar o personagem.

Maia (1995, p. 84) afirma que Foucault:

> [...] não tem uma teoria geral do poder, a-histórica, podendo ser aplicada a todas as relações de poder existentes na sociedade em qualquer contexto. Ao contrário, ele não pretende fundar uma teoria geral e globalizante, e sim trabalhar uma analítica de poder capaz de dar conta do seu funcionamento local, em campos e discursos específicos e em épocas determinadas.

Assim, ao pensar as relações de poder existentes no livro abordado, é necessário não esquecer seu contexto histórico e as especificidades da sua problemática. No século XXI, o discurso sobre a homossexualidade já avançou, mas as dificuldades sobre o assunto não desapareceram.

Foucault (1982, p. XII) analisa a mecânica do poder, a qual:

> [...]se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação [...]; poder este que intervém materialmente atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micropoderes ou subpoderes.

Para o filósofo, o Estado não é o centro único do poder. Os micropoderes existem integrados ou não ao Estado. Estão presentes em níveis variados da rede social. O Estado é um "instrumento específico" dentro de um sistema de poderes mais amplos, que o ultrapassam e o complementam. Mesmo com a destruição do Estado, a rede de poderes não é transformada ou aniquilada, porque os poderes não estão localizados em nenhum lugar específico da estrutura social. A rede de poderes "funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limite ou fronteira" (FOUCAULT, 1982, p. XIV). O poder está em toda parte, provém de todos os lugares. Não existe uma linha que separa os detentores do poder e aqueles que estão sujeitos a ele. O poder é algo que circula, que funciona em cadeia. Nunca está localizado em um lugar definido. É uma malha fina na qual os indivíduos se movem. Às vezes, exercem poder; em outras ocasiões, são vítimas dele. O poder existe em todo o corpo social, independentemente de as pessoas terem consciência da sua existência.

Todavia, destaca Foucault, o poder não é dominação de um indivíduo sobre outro, de um grupo ou de uma classe sobre outra.

> O poder não se divide entre os que o detêm como propriedade exclusiva, e os que não o têm, e o sofrem. O poder deve ser analisado como algo que circula e funciona, por assim dizer em cadeia. [...] O poder não se aplica nos indivíduos, e sim transita através dos indivíduos. [...] O indivíduo é um efeito do poder e, ao mesmo tempo, justamente na medida em que é o efeito, é o elemento de composição do poder. O poder passa através do indivíduo que o constitui (FOUCAULT, 1993, p. 27).

Poder é relação.

> E esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento de poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e que ninguém pode escapar. Ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças (FOUCAULT, 1982, p. XIV).

Na compreensão de Foucault, como os indivíduos são livres, há possibilidade de reação por parte daqueles sobre os quais o poder é exercido. Não há poder que anule todo potencial de revolta (MAIA, 1995). Nesse sentido, apesar da tentativa de disciplinamento presente no discurso das instituições, a obra "O gato que gostava de cenouras" mostra a trajetória do felino para ser aceito como homossexual. Trata-se de uma trajetória de resistência silenciosa, mas contínua.

Guattari (1992) esclarece o conceito de resistência aqui utilizado. O autor não destaca os grandes movimentos emancipatórios, pois, segundo ele, os grandes movimentos de subjetivação não costumam levar à emancipação dos sujeitos. São fluidos, sem muita consistência. Fazem barulho, mas são efêmeros. São as pequenas conquistas que fazem a diferença. O engajamento em grupos que sistematicamente lutam para conquistar espaços consegue avanços duradouros, uma vez que os grupos são fruto de discussão. Assim, o monitoramento do que já foi conquistado é importante para não haver retrocessos.

As pequenas conquistas são recorrentes entre aqueles indivíduos que não apresentam a orientação sexual hegemônica – o grupo LGBT Ttransgride a heterossexualidade. Os setores resistentes produzem "subjetivações singulares" ou, em outras palavras, "processos de singularização" que, de maneira geral, recusam:

> [...]todos esses modos de codificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando [...] para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedades, os tipos de valores que não são os nossos (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 17).

Na concepção de Guattari e Rolnik (1996), "uma revolução subjetiva" aparece quando as pessoas conseguem expressar seus gostos e desejos mesmo que sejam o oposto do esperado. A sociedade trabalha para produzir indivíduos heterossexuais, todavia, a sexualidade é um movimento vital. Quem consegue se expressar de maneira verdadeira, sem precisar se esconder atrás de máscaras, fica mais forte. O empoderamento dos sujeitos acontece quando não são necessários subterfúgios para esconder sua sexualidade.

Desse modo, a emancipação é um micropoder. Todas as pequenas conquistas devem ser valorizadas, tendo em vista a existência de relações de poder e discursos heterogêneos que influenciam a constituição da identidade.

Além da heteronormatividade, o conceito de patriarcado é utilizado para a análise de um padrão único de comportamento. O patriarcado é um sistema que hierarquiza as relações de gênero. O homem heterossexual é quem manda. A mulher é quase sempre oprimida e explorada (SAFIOTTI, 2004). O homossexual é ainda mais discriminado, pois, a partir dessa perspectiva, não se encaixa na dicotomia homem/mulher tradicional na sociedade. A relação que se configura entre os homossexuais é nova na literatura e, no debate político, sua abordagem está apenas começando. A concepção de família aprovada recentemente pela Comissão Especial do Estatuto da Família, que restringe o núcleo familiar à relação constituída entre um homem e uma mulher, é um exemplo de tal situação.[3]No entanto, apesar das dificuldades da aceitação da homossexualidade pela sociedade em geral, a união estável entre pessoas do mesmo sexo foi legalizada no país e, independente do que estabelece o estatuto, os casais homossexuais constituem famílias, inclusive, adotando filhos e expandido a noção de núcleo familiar.

Por mais que o patriarcado e a heteronormatividade se sobreponham nos espaços da vida social, há sempre possibilidades de ruptura a esses padrões. Trata-se de "modos de conexão e articulação rizomáticas" (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 66), nos quais não existe poder central, mas pequenas ramificações.

> Tais mutações da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho, com a ordem social suporte dessas forças produtivas. E, se isso é verdade, não é utópico considerar que uma revolução, uma mudança social a nível macropolítico, macrossocial, diz respeito também à questão da produção da subjetividade, o que deverá ser levado em conta pelos movimentos de emancipação (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 26).

O livro analisado no presente artigo se insere nesse contexto. Por meio de uma obra infantojuvenil homoerótica, Rubem Alves lança um olhar novo sobre o diferente. Crianças, jovens e adolescentes podem, através das linhas e entrelinhas da obra, refletir sobre a importância da aceitação do outro como ele é. No entanto, o autor não deixa de apontar no enredo as dificuldades enfrentadas pelo gato para ser aceito. As instituições disciplinares,

[3] COMISSÃO aprova definição de família como união entre homem e mulher. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/496852-COMISSAO-APROVA-DEFINICAO-DE-FAMILIA-COMO-UNIAO-ENTRE-HOMEM-E-MULHER.html> Acesso em: 2 out. 2015.

como conceitua Foucault (1984), aparecem de forma hierarquizada no texto, mostrando os diversos procedimentos e técnicas utilizados para tentar imputar sanções ao transgressor das normas sociais. Primeiramente, a família e, depois, as outras instituições disciplinadoras: o saber médico, o hospital, a igreja e a escola.

As instituições sociais ocupam papel importante na vigilância dos comportamentos socialmente aceitos. Quando o gato apresenta comportamento discrepante dos demais, a família, instituição mais próxima, se encarrega de buscar ajuda nas instituições especializadas.

O hospital e o consultório psicológico com seus aparatos emitem laudos considerados "científicos", portanto inquestionáveis, sobre as doenças e os desvios comportamentais identificados. De posse de um laudo, os indivíduos são internados em clínicas especializadas, podendo ser considerados incapazes e perder o direito de escolher os rumos da sua vida. Os interesses políticos, sociais e econômicos, raramente, são avaliados na emissão desses laudos. O conhecimento científico de médicos e psicólogos, considerado neutro, é usado para determinar "patologias" em pessoas que apresentam um comportamento não padronizado, diferente da norma ou, como no caso da obra analisada, uma orientação sexual distinta da heterossexual.

A escola – espaço oficialmente destinado à socialização do conhecimento – funciona também como espaço de segregação. Todos os alunos que apresentam certa discrepância em relação ao padrão de comportamento (e não são poucos)sofrem discriminação. Atualmente, a denominação mais comum para isso é bullying. O termo bullying é empregado para descrever atos de violência moral ou física, especialmente, entre estudantes, que acontecem repetidamente para intimidar a vítima (RICHARTZ; SANTANA, 2014).

Apesar de o livro inovar ao trazer para a literatura infantojuvenil a discussão sobre a homossexualidade, são evidentes no texto as dificuldades que essa condição confere à vida do indivíduo. Através dos micropoderes, quase todas as instituições tentam sujeitar o gato e fazer com que ele se pareça com os outros. Ser diferente incomoda. A patologização da homossexualidade é evidenciada no texto. Médicos e psicólogos buscam a "cura" do gato.

Da mesma forma, o patriarcado assume atualmente novas roupagens. A dominação do homem sobre a mulher aparece também na subjugação do homossexual. O pensamento heteronormativo, de forma direta ou latente, despreza, humilha e inferioriza. Quando os filhos nascem, a família, como instituição socializadora, se preocupa em conformar sua prole de acordo com as normas sociais. A expectativa sempre é em relação ao sexo do filho.

> Gulliver – esse era o nome do jovem gato – trouxe muita alegria a seus pais quando nasceu. A mãe gata e o pai gato puseram esse nome no filho – o nome de um gigante! –porque sonhavam que ele seria um gato enorme, forte, valente, caçador. Haveria de ganhar muitas medalhas em competições de caça (ALVES, 2012, p. 6).

A descrição apresentada expressa a norma na construção social do papel masculino. Gênero e classe social – juntamente com etnia, não abordada nesta análise – são elementos importantes que integram as subestruturas sociais, das quais ninguém pode fugir (SAFIOTTI, 2004). No livro investigado, as duas categorias aparecem entrelaçadas.

No que diz respeito ao gênero, como macho, o gato deveria ser forte e caçador. Deveria comer ratos, peixes e passarinhos. Conquistar medalhas e se projetar como macho, mas também significa ser o melhor, poder interferir na condição econômica e na classe social.

Além do gênero, a classe social é um fator importante de exclusão. Por isso, a família busca o desenvolvimento pessoal e profissional dos seus membros. Ser igual ou, preferencialmente, melhor que os demais é o que se espera dos membros da família. Não foi diferente no caso do personagem principal do livro. No capitalismo competitivo da contemporaneidade, a família deseja que seu filho conquiste prêmios, seja o melhor, cresça profissionalmente e ganhe muito dinheiro. Ser diferente implica fechar espaços, ampliar as dificuldades, porque, além da competição natural existente entre as pessoas, é necessário enfrentar o preconceito social.

Desse modo, o pai de Gulliver sofreu muito com a descoberta de que o gato estava comendo cenouras. Rubem Alves (2012, p. 8) destaca: “seu pai quase morreu do coração. O filho, que em seus sonhos deveria se parecer com um tigre, na realidade se parecia mais com um coelho. Voltou para casa. E ali, ele e a gata, sua mulher, choraram amargamente”. Os gatos são caçadores e carnívoros. São predestinados para esse comportamento. “Mas, para espanto de seus pais, Gulliver cresceu um gato diferente. Não gostava de caçar” (ALVES, 2012, p. 6).Assim, Gulliver comia cenouras escondido, para que não rissem dele, andava sozinho, porque ninguém o entendia.

O fracasso da família em introjetar os valores sociais compartilhados pelo grupo, geralmente, acarretam muito sofrimento, pois a cobrança social costuma ser intensa. Por isso a família buscou ajuda nas práticas discursivas que formam determinado campo de saber: o conhecimento científico e as instituições consideradas importantes na recuperação do indivíduo. Os pais consultaram um médico, leram livros de psicologia, levaram seu filho para

conversar com o padre e para sessões com um psicanalista. As pessoas cientificamente preparadas e as instituições consultadas foram unânimes: o gato não era normal.

Primeiramente, a família faz de tudo para conformar os filhos. “Pais são assim: fazem os maiores sacrifícios para que os filhos fiquem iguais a seus sonhos” (ALVES, 2012, p. 12). Gulliver foi levado ao médico. Mas depois de muito examiná-lo, o doutor concluiu que o gato não tinha doença alguma. A doença dele – se é que havia alguma doença – poderia estar na alma, não no corpo (ALVES, 2012).

O padre-gato afirmou que havia algo errado. “Assim, por determinação do Deus-Gato, gatos têm de comer ratos, passarinhos e peixes. Comer cenouras é pecado mortal. É contra a natureza” (ALVES, 2012, p. 10). O pecado sempre é usado como forma de ameaça para conformar os indivíduos de acordo com o padrão. Os discursos de pessoas e instituições procuram disciplinar o corpo daquele que foge à regra.

O pior, no entanto, se deu quando os colegas de escola descobriram que Gulliver comia cenouras. A zombaria foi geral. A intolerância em relação ao diferente também é rotineira na escola. Destaca-se que a cenoura é um símbolo fálico utilizado no livro, pois o gato é homossexual e a cenoura tem um sentido sexual e erótico, apontando para o poder e a virilidade masculina.

O mérito da obra está em apresentar o professor, que faz parte da instituição escolar, como protagonista de uma revolução silenciosa, que acolhe o gato como ele realmente é. O professor não deseja consertá-lo, como se houvesse um defeito a ser corrigido. Simplesmente, ampara o gato. Na escola, o professor entendeu o sofrimento do gato, que sempre estava sozinho, sem amigos, sofrendo com a zombaria dos seus colegas. Depois de conversar sem repreender o gato, afirmou:

> Os chamados heterossexuais amam o diferente: o corpo dos homens se comove ao ver um corpo de uma mulher; o corpo das mulheres se comove ao ver o corpo de um homem. Mas o corpo dos homossexuais, quem sabe se por obra do DNA, se comove ao ver um corpo igual ao seu (ALVES, 2012, p. 16).

Apesar da atitude louvável do professor, ele se contentou em dar uma explicação genética da homossexualidade, deixando de lado as questões sociais. Não é apresentada na obra uma discussão a respeito da orientação sexual como opção.

A discriminação e o preconceito faziam parte da vida do gato, que era zombado pelos colegas de escola, especialmente, quando se tornaram públicas suas diferenças. O que o

protagonista sentia em relação ao seu corpo era o que o professor explicou como sendo biológico, escrito no DNA, mas o problema estava no seu entorno. A rejeição que sentia por não ser "igual" aos outros nos gostos e desejos era motivo dos maiores sofrimentos.

3 Considerações finais

Rubem Alves traz para a literatura infantojuvenil os dilemas sofridos por quem é diferente do padrão estabelecido pela sociedade. Como seu discurso não é neutro, o autor encoraja os jovens a se apresentarem como realmente são, sem se preocupar com as dificuldades que podem encontrar.

O micropoder é paradoxal. Ao mesmo tempo em que oprime pode gerar discursos que levam a pequenas fissuras. É o caso da obra "O gato que gostava de cenouras". O autor retrata o empenho das instituições sociais – família, escola, igreja – para conformar o gato dentro do padrão heterossexual. Por outro lado, na mesma escola, representada pela figura do professor, a homossexualidade começa a ser aceita. Mesmo não configurando o discurso oficial da escola, o professor representa o pensamento científico, formal, portanto, de algum modo, legítimo.

A escola tenta sedimentar os valores heterossexuais e, apesar do professor não falar em nome da escola, dentro dessa instituição, através da figura do professor, se estabelece uma possibilidade. Tem início assim uma revolução silenciosa. Ainda que praticamente todas as instituições busquem a cura da homossexualidade, ao ser aceito e respeitado pelo professor, Gulliver se insere na instituição escolar, ou seja, a emancipação no microespaço começa a ser construída.

Através dos personagens e do enredo construído, a obra revela o paradoxo do discurso da negação ou da aceitação da homossexualidade como uma opção sexual válida, o qual se mostra na prática discursiva dos diversos agentes e instituições sociais. Destarte, nas fissuras de um sistema opressivo, as pequenas transgressões são formas para o nascimento de novas subjetividades

Ao introduzir a discussão acerca da homossexualidade, Rubem Alves abre uma pequena fenda na vasta literatura infanto-juvenil que retrata apenas a heterossexualidade. Além de apontar a escola como opressora e como espaço no qual as pequenas emancipações

podem acontecer, o autor assinala o nascimento de novas subjetivações. Em vez de propagar a ideologia opressora, os textos também podem desconstruir discursos e práticas sedimentadas.

Escrever um livro de literatura homoerótica abordando a questão e assumir a homossexualidade no enredo é um passo importante na emancipação dos sujeitos. São micropoderes que sobrevivem numa estrutura tão pesada.

ABSTRACT: The children's literature is considered by many as a simple hobby, so the importante thing is to provide the largest number of books to encourage reading habits in children and adolescents. However, far beyond theinnocentandun pretentious plots, this speech between the lines, in most cases, pretends to legitimize the social values defended in a given historical context. In thissense, the objective of this paper is to analyze the book "The catthat liked carrots", by na author from Minas Gerais Rubem Alves, high lighting his speech about sexual orientation, in particular, homosexuality. Literaryworks, therefore, are na important tool for themaintenance of oppressive gender ideology – which emphasizes heterosexualityas normal and homosexuality as deviant behavior – and also to deconstruct the dominant speech and the construction of a new speech to encourage the respect for sexual diversity and gender.

Keywords: Genderrelations. Homosexuality. Speech. Rubem Alves.

Referências

ALVES, Rubem**.** *O gato que gostava de cenouras***.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. *Genealogía del Racismo.* Buenos Aires. Editorial Altamira. 1993.

_____ A verdade e as formas jurídicas. *Cadernos da PUC,* Rio de Janeiro, v. 6, n. 16, 1984. (Série Letras e Artes).

_____. *A Arqueologia do saber.* Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. *A ordem do discurso.* São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GUATTARI, Félix. *Caosmose:* um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica:* cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAIA, Antônio C. Sobre a Analítica do Poder de Foucault. *Tempo Social; Rev. Social USP, São Paulo,* S. Paulo, v. 7, n.. 1-2, p. 83-103 out. 1995.

RICHARTZ, Terezinha; SANTANA, Zionel. A diversidade sexual e de gênero no projeto político pedagógico. In: *VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS*

*DA HOMOCULTURA.*VII, 2014, Rio Universidade Federal do Rio Grande: Rio Grande, 07 a 09 de maio de 2014. p. 1-8.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.